

Da vida social portuguesa

A opinião publica

O mais alarmante dos sintomas da nossa incompetencia moral, é a ausencia dum espirito colectivo, ou antes a falta de uma consciencia nacional, que una solidariamente todos os portugueses. Se levarmos a nossa análise mais fundo, encontramos este espirito adormecido, vitima do egoismo que cada vez mais corroe e aniquila as vontades orientadoras. E' latente o nosso desejo de afirmação e de raça. Na nossa vida contemporanea três factos recentes lhe dão a mais completa confirmação. Simplesmente o egoismo, que é a mais dolorosa das consequências do após-guerra, tem sido o obstáculo concreto contra o sentido afirmativo, que uma das mais firmes vontades nacionais. No *Ensaio de uma moral*, Guyau confirma sinteticamente—«O raciocinio egoista está sempre pronto a intervir para paralizar os primeiros movimentos espontaneos do instinto social». Eis o que entre nós se tem dado experimentalmente.

Os factos que podemos já chamar históricos, são a apoteose aos soldados desconhecidos, a viagem aérea ao Rio, e a viagem do Chefe do Estado ao Brasil. Estes três factos, que poderiam ter immediatas consequências económicas e politicas, marcam um alto sentido de raça e de afirmação nacional, pena é que o egoismo ambiente os tivesse quási inutilizado nas suas consequências benéficas.

Em todo o mundo se pressente um acordar de novas fontes de trabalho e de adaptação social; a luta entre a riqueza e o trabalho, juntamente com as lutas que em todos os paizes europeus têm um fundo nacionalista, tornam concreto e real este ponto de análise

e observação. Entre nós, pelo contrário, a falta de uma consciencia colectiva desorienta os politicos e os dirigentes, a pontos de muitas vezes ser contraproducente e inutil a opinião publica.

Não há um sentido concorde entre os interesses e o povo. Cada vez mais metido dentro do seu egoismo e subalternizado á opressão da vida (a pior das opressões) o povo perdeu o instinto de raça, só se manifestando nos minutos heróicos em que é preciso manter a dignidade ou a efectividade nacionais. As classes dirigentes não dirigem, as universidades em vez de uma função dirigente têm apenas uma função coordenadora, as escolas e academias lutam contra a alarmante incapacidade mental e de cultura, da burguezia e das élites. D'ahi, necessariamente, a falta de um acordar de espirito nacional que, além de ser uma alta consciencia colectiva, afirma mais do que tudo um sentido inteligente e cooperador de opinião publica. Fernando Pessoa, num admirável estudo publicado em 1919 sobre «A opinião publica», analisa concretamente:—«A vida duma sociedade é fundamentalmente uma vida de acção. E', portanto, pela acção, que o individuo é social. E', portanto, pelas faculdades que conduzem á acção que o individuo é directamente social». O que falta á consciencia nacional é, sobretudo, falta de acção ou não saber agir a tempo e oportunamente.

Nunca, como agora, se assistiu ao espectáculo raro e emocionante, de dia a dia se irem anulando todos os sintomas de categoria e ordem social, aponto de não sabermos distinguir o que seja uma sociedade contemporanea. Onde a influencia dirigente das élites, onde a influencia das élites de inteligencia e de sangue? A hora que passa é uma hora de afirmações, sobretudo materiais e de altos interesses. Um mundo novo surgiu e com ele uma nova moral, que lentamente vai tomando vulto e lentamente tambem vai sendo analisada e criticada.

Sem cultura generalizada, vivendo de meia duzia de espiritos superiores, Portugal foi sempre um campo

restrito de valores mentais e morais. Homens como Ramalho, Bruno e Bazilio Teles morrem num esquecimento bárbaro. E a insuficiência mais completa do nosso espirito decadente está na falta de compreensão do que eles valham, ou do que eles representavam em valôr na nossa vida intelectual. Depois, o nosso pessimismo é deletério, não tem consequencias uteis de análise ou de escarpelização. Não criticamos para emendar, não censuramos para conseguir remédio.

O publicista económico sr. dr. Quirino de Jesus, no livro que, de colaboração com Ezequiel Campos, agora publicou, *A crise portuguesa*, depois de analisar os nossos males financeiros e de desequilibrio económico, afirma consoladoramente que «exprimir o pessimismo dos factos não é ser pessimista». Consoladora verdade que revela a certeza de que é mostrando a verdade que se póde procurar o caminho de salvação e de equilibrio nacionais. A ausencia dum espirito nacional que servisse de ambiente e de carinho aos homens representativos, eis um dos grandes e dos piores males. E' preciso crear um élo de opinião, torná-la corrente com os nossos instintos de patriotismo, que não é nem nunca foi uma palavra declamatória, antes será sempre um sentido afirmativo de raça, contra ela sorrindo ou desdenhando apenas os acéfalos ou os inuteis. Entre os dirigentes e os dirigidos, entre os poderes de Estado, sobretudo entre os poderes legislativo e executivo, há um vácuo, a falta de uma consciente opinião publica coerente com uma mais alta e superior consciencia nacional.

Mas o que é, socialmente, uma opinião publica? Melhor do que eu a define o ilustre escritor Fernando Pessoa, no já citado artigo:

«Opinião publica quer dizer a opinião geral corrente em uma sociedade. Investigar quais sejam os fundamentos da «opinião publica» quer dizer, portanto, investigar quais sejam os fundamentos de uma opinião geral corrente em uma sociedade. E isso implica que investiguemos, apenas, quais as condições mentais que

motivam a existencia, em uma sociedade, de uma opinião geral, ou «publica». E, como se trata de uma opinião *geral*, isto envolve, em final análise, que determinemos quais as condições que motivam, em uma sociedade, a possibilidade da existencia de uma opinião *susceptivel de generalidade*, capaz, por sua natureza, de se tornar extensiva a todos os homens que compõem essa sociedade. Tanto basta para que vejamos que a investigação, em que iamos, dos instintos sociais, deve limitar-se á constatação de qual seja o *instinto social fundamental*. E o instinto social fundamental será aquele pelo qual um individuo se sinta *mais intima e profundamente* semelhante do *maior numero possivel* de individuos.

Isto posto e esclarecido, podemos regressar á linha do nosso raciocinio.

A vida social, vimos, é essencialmente acção. A constatação de semelhança entre dois individuos resume-se, portanto, na constatação, entre eles, de uma semelhança de acção. A constatação de semelhança profunda e extensivel a um grande numero de individuos assenta, portanto, na constatação, entre esses individuos, da semelhança entre eles naquelas suas acções que mais demonstram uma semelhança ou dessemelhança profunda entre os individuos, e naquelas suas acções que maior semelhança ou dessemelhança estabelecem entre o maior numero possivel de individuos. Ora as acções que mais demonstram uma semelhança ou dessemelhança profunda entre os individuos são aquelas que derivam do que em cada individuo haja de mais profundo. E as acções que estabelecem uma semelhança ou dessemelhança entre o maior numero possivel de individuos são aquelas que, *por mais naturais, mais gerais, mais repetidas*, são por isso comuns a um grande numero de individuos, sendo, atravez delas, constatada fácil—imediate—e constantemente a semelhança ou dessemelhança entre os individuos. Segue, portanto, que a acção que mais implica a semelhança ou dessemelhança entre vários individuos é aquela que, sendo a mais natural, a mais geral e a mais re-

petida, seja ao mesmo tempo, a que represente o que em cada individuo haja de mais profundo».

Definido o que de fundamental há na opinião publica é justo que vejamos o seu reflexo nas consequências de uma util politica nacional. O politico precisa auscultar a voz, a opinião geral, para se pôr em contacto com a chamada corrente concorde ou discorde. Sem a existencia de uma opinião, de uma coerencia social nos assuntos de efectividade e utilidade publicas, a politica perde o seu expressivo poder social e torna-se apenas numa expressão individual dos governos. O maior mal contra a Nação e contra a grei é a luta de classes e o intuito aggressivo dos lucros e dos «trusts». E' preciso acordar a adormecida consciencia nacional. Ela existe e tem um fundo, uma herança histórica, simplesmente as condições do meio a tornam cada vez mais apática e mais inutil. O nosso pessimismo é a consequencia de uma análise que nos leva directamente ao optimismo. Contra o sintoma do desinteresse do paiz, contra o próprio paiz lutam as *élites* e todas as ventades orientadoras.

Um mal surge sempre, a moral aggressiva que o individualismo e o materialismo herdaram do após-guerra. Enquanto se não realizar uma politica de enérgicas atitudes e de rude justiça económica será sempre desoladora e alarmante a falta dum instinto colectivo e duma forte e fiscalizadora opinião publica.

Corrêa da Costa

Ler no proximo numero:

**Critica da exposição dos trabalhos dos
alunos da Academia de Belas Ar-
tes, por Mario Domingues**

7